

# Definição dos motivos decorativos em uso na Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande (1769-1803): I – Redomas com pé e rosca ou rolha

António Antunes Martins\*

A Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande (RFVMG) foi o principal centro vidreiro português de finais do séc. XVIII e princípios do séc. XIX. Ao longo das últimas décadas a sua produção foi já objecto de diversos estudos<sup>1</sup>. No entanto, dado os poucos elementos disponíveis são ainda poucas as peças atribuídas a este centro vidreiro. Muitos dos motivos decorativos que constituíam os reportórios das oficinas de lapidação e de gravação continuam por definir<sup>2</sup>.

O núcleo de peças de vidro do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), estudado e catalogado por Carlos Barros<sup>3</sup>, apresenta peças atribuíveis ao período da administração de Guilherme Stephens (1769-1804). Algumas dessas peças têm decoração lapidada, gravada ou ambas. Sendo impossível analisar neste pequeno apontamento, todas as peças, é importante destacar os boiões ou potes de farmácia, cuja decoração pode possibilitar a reconstituição de um primeiro conjunto de motivos decorativos usados na RFVMG no último quartel do séc. XVIII.

Umhas peças da colecção do MNAA que merecem uma observação mais atenta, dadas as suas particularidades é o par de potes de farmácia

---

\* Mestrado de Artes Decorativas da Escola de Artes da UCP.

<sup>1</sup> Sobre o período em análise importa destacar as obras de Vasco Valente, Carlos da Silva Barros, Luis Ferrand de Almeida, Jorge Custódio e Maria Margarida Marques.

<sup>2</sup> Os únicos motivos decorativos que se tem a certeza que foram utilizados nas oficinas da RFVMG são os que constam dos Catálogos apresentados por Carlos Barros. Este pequeno conjunto de motivos decorativos, cerca de uma dezena, é essencialmente constituído por desenhos de motivos para gravar à roda, e é cronologicamente muito limitado (1772), ficando por identificar os motivos decorativos posteriormente utilizados. Os motivos decorativos característicos da decoração lapidada não são ainda representados. Na tese de mestrado *Os Vidros decorados com Incisões* são propostos alguns motivos decorativos gravados que possivelmente fariam parte do reportório das oficinas da RFVMG.

<sup>3</sup> BARROS, Carlos Silva, *Vidros*, in *Artes Decorativas Portuguesas no Museu Nacional de Arte Antiga, sécs. XV/XVIII*, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa – MNAA, 1979, p. 209-234.

decorados com motivos idênticos constituído por flores lapidadas com diversas configurações<sup>4</sup>. Segundo o catálogo e a legenda da peça no museu, estes potes são atribuídos à Vista Alegre, ao segundo quartel do séc. XIX. No entanto, são vários os elementos que sugerem uma data de fabrico anterior:

- a) Uma forte reentrância no fundo, que é uma característica das peças produzidas ao longo do séc. XVIII. No séc. XIX, especialmente nas peças com decoração lapidada, era normal a marca de pontil ser retirada, deixando de ser necessário que o fundo tivesse uma reentrância pronunciada.
- b) O formato da peça de clara inspiração da porcelana da China produzida no mesmo período<sup>5</sup>.
- c) Os motivos lapidados típicos do Barroco centro-europeu. As flores lapidadas apresentam resoluções variadas sendo possível isolar várias composições:
  - flor constituída por seis círculos lapidados envolvidos por seis folhas terminadas em bico com o centro lapidado em elipse<sup>6</sup>, sendo a restante área da folha fosca.
  - flor de quatro círculos lapidados com losango ao centro e pequenas folhas em V nas suas intersecções. A parte exterior dos círculos lapidados apresenta uma maior espessura.
  - flor composta por 12 círculos elípticos com séries de três linhas paralelas nas intersecções.

Esta decoração com motivos florais central é enquadrada, no topo e na base da peça, por barras de círculos ovais. Nos espaços entre os círculos ovais lapidados surgem duas pequenas elipses paralelas criando um efeito de continuidade ao longo da peça.

A decoração lapidada destes potes, como adiante se verá, pode ser considerada uma pequena amostra dos motivos decorativos utilizados nas oficinas da RFVMG.

Uma tipologia que apresenta algumas das flores lapidadas nos potes anteriormente analisados são as *redomas (com pé e rosca ou rolha)*, peça

<sup>4</sup> Dada a falta de elementos não há como saber se estas peças tinham tampa de vidro, e em caso afirmativo qual a sua configuração.

<sup>5</sup> As primeiras peças com uma reentrância marcada entre o fundo e o bojo largo, mas muito mais estreitas do que as peças em análise, são os vasos meiping da dinastia Yuan (séc. XIII/ XIV). Um pouco mais tarde, no período Ming há potes de porcelana que apresentam uma configuração semelhante a estas peças de vidro. No séc. XVIII, na dinastia Kangxi, são comuns os jarros de grandes dimensões com esta configuração, mas com pescoço mais alto.

<sup>6</sup> Ou em círculo, como se pode ver na redoma da fig. 2.

cujo desenho surge nos *Catálogos I e II* atribuídos à RFVVG e datados de 1772. Esta peça de vidro esférica com pé de salva e tampa de rosca em vidro destinava-se a conter líquidos como bebidas alcoólicas, águas de cheiro ou perfumes<sup>7</sup>. No desenho e nas diferentes decorações dos exemplares aqui em análise podem-se distinguir influências dos *façons* em voga no séc. XVIII: o formato esférico da garrafa remonta aos primórdios do vidro soprado, estando presente no reportório romano e no medieval europeu; o pé de salva é uma característica do *façon de venice* surgindo nas mais variadas peças do séc. XVI e XVIII ainda que nos Catálogos este tipo de pé seja denominado de salva, verifica-se no próprio desenho que este é um híbrido entre o pé de bolacha e o pé de salva; o gargalo de rosca, bem como a respectiva tampa em vidro são uma característica do *façon de boheme*; a estética inglesa é apenas visível na decoração lapidada do exemplar da fig. 1. Como adiante se analisará com mais detalhe, a decoração gravada e lapidada dos restantes exemplares observados é de clara influência centro-europeia, e mesmo a lapidação de toda a peça não era desconhecida dos artífices boémios. No entanto, foi em Inglaterra que este tipo de decoração teve uma maior divulgação em finais do séc. XVIII.

Da análise das peças com tampa de rosca atribuídas a fornos centro-europeus presentes em diversas coleções públicas verifica-se que a roscagem não é feita em nenhum exemplar com bojo esférico. As peças que apresentam o gargalo roscado apresentam outro tipo de configurações, sendo frequentes os polvilheiros e os frascos quadrados. Ao longo do séc. XVIII eram comuns os frascos com bocas de estanho, uma alternativa à roscagem manual da tampa.

<sup>7</sup> Tanto os inventários como os dicionários de época não esclarecem sobre um fim específico a que se destinavam as redomas, sendo subentendido o carácter genérico dos líquidos que poderia conter. Pela leitura do obras do séc. XVI e XVII verifica-se que as redomas serviam para conter os mais variados líquidos (na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, obra impressa em Lisboa em 1557, pode ler-se na p. 115 “e pediolhe hua redoma em que se colhesse o sangue que corria”; Na *Carta de Guia de Casados* de Francisco Manuel de Mello, publicada pela primeira vez na segunda metade do séc. XVII lê-se “que uma só gota de tinta que caia em uma redoma de agua clarissima”; Na *Revista Trimestral de História e Geographia* de 1850, na p. 297 surge “e uma redoma de vidro com obra de uma canada da agua de flor” Num dicionário de 1831 o significado de redoma ainda é vaso de vidro com gargalo e bojo; o gargalo ou é cilíndrico ou afunilado (SILVA, António de Morais, Dicionário da Língua Portuguesa, Lisboa, 1831, p. 594). Em finais do séc. XIX a palavra redoma adquire o seu actual significado, ou seja, protecção em vidro transparente incolor para imagens, fechadas no topo em abóbada e abertas no fundo, e que anteriormente eram designadas por *mangas para imagens*.

A influência centro-europeia presente nos motivos decorativos lapidados e gravados nas pode-se dever tanto à nacionalidade de António Taubner e de Vescleslau Lauverman, respectivamente mestre de lapidação e mestre de gravação contratados por Guilherme Stephens em 1772, como à estética boémia predominante nos vidros comercializados em Portugal. A técnica de abrir roscas no gargalo e na rolha também é oriundo da Europa Central, sendo o seu introdutor na Marinha Grande, o já referido mestre de lapidação e de roscas António Taubner. Este mestre lapidário foi também o principal responsável pela formação dos aprendizes da RFVMG, visto que Lauverman só permanece cerca de um ano nas oficinas da Marinha Grande, montando depois uma oficina de gravação em Lisboa.

Esta fusão de vários reportórios na produção de uma peça é uma das características da produção da RFVMG. Tal deve-se à fusão dos conhecimentos dos mestres vidreiros, portadores de uma tradição veneziana e centro-europeia com as tendências do mercado inglês e das suas colónias que constituíam um dos principais clientes dos produtos da fábrica.

Os elementos constantes nas Relações conhecidas da RFVMG e nos Inventários Orfanológicos sugerem que a sua produção tenha sido limitada, tanto cronologicamente como em termos quantitativos<sup>8</sup>. Nas Relações da RFVMG que foi possível analisar há apenas o registo da produção de 3 redomas em 1772 e de 6 em 1773. Nas Relações de 1774 e 1776 não foi localizado nenhum exemplar, bem como na muito detalhada Relação de 1803. Na Relação de 1803 surge apenas a referência a uma das peças presentes nos Catálogos que poderia ter gargalo de rosca, os *frascos p<sup>a</sup> tabaco*. Os frascos para tabaco podiam ter dois tipos de tampa, o que conjugado com o facto de não surgir a designação mestre de roscas<sup>9</sup>

<sup>8</sup> As Relações da Fábrica publicadas e analisadas para este estudo são: a Relação de 1770 (in MARQUES, Maria Margarida, *O período Stephens na Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande, algumas fontes escritas*, Coleção Estudos e Documentos n.º 11, Museu Santos Barosa da Fabricação do Vidro, Marinha Grande, 1999) a Relação de 1772 (in MARTINS, António Antunes, *Vidros com Decoração Incisa*, Tese de Mestrado) a Relação de 1773 (in MARQUES, Maria Margarida, ob. cit.) a Relação de 1774 (in ALMEIDA, Luís Ferrand de, *A Fábrica de Vidros da Marinha Grande em 1774*, in separata da Revista Portuguesa de História, tomo XVIII, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/ Instituto de História Económica e Social, Coimbra, 1981), a Relação de 1776 (MARQUES, Maria Margarida, ob. cit.) e a Relação de 1803 BARROS, Carlos Silva, *Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande, II Centenário*). Infelizmente, relativamente ao período em que as redomas estiveram em voga, de acordo com os elementos dos inventários e que corresponderá às duas últimas décadas do séc. XVIII não há elementos.

<sup>9</sup> Antes a *mestres de ajustar rolhas*.

nas Relações da Fábrica da década de noventa, sugere que esta técnica tenha caído em desuso. No Catálogo de 1829 da Fábrica da Vista Alegre é reproduzida na estampa 8 uma garrafa redonda com pé de salva muito pronunciado, mas com tampa e não com rolha. Neste Catálogo não foi possível localizar nenhuma peça com o gargalo em rosca ou com rolha roscada.

De acordo com os elementos recolhidos nos inventários, o período de maior difusão destas peças deverá ter sido o último quartel do séc. XVIII – o inventário da Condessa de Ficalho é de 1795 e o do Segundo-tenente Belverde Cabral de 1802<sup>10</sup>. No inventário da Condessa de Ficalho são registados cinco exemplares e no do Segundo-tenente quatro exemplares.

Da leitura dos inventários orfanológicos conclui-se que as redomas se destinavam às elites portuguesas de finais do séc. XVIII, e que seriam usadas em conjuntos – no inventário da Condessa de Ficalho as redomas, para além de serem inventariadas numa rubrica específica (a par de outras rubricas como *mangas, serpentinas, vidros coalhados, compoteiras, garrafas ou copos*), surgem agrupadas pelas designações *primeiras, segundas e terceira*. Estas denominações tanto podem sugerir três tipos de decorações diferentes como três tamanhos diferentes, já que esta peça era produzida com três capacidades diferentes: quartilho, meia canada e canada.

O reduzido número de exemplares localizados em museus, tanto nacionais como estrangeiros, bem como em colecções particulares reforçam a ideia que este modelo de garrafa tenha tido uma produção limitada<sup>11</sup>. Em museus nacionais, para além dos três exemplares do MNAA apenas foi localizada uma redoma no Museu da Graciosa, nos Açores. Este último exemplar caracteriza-se por ser apresentar a rolha em vidro roscada e por não apresentar qualquer tipo de decoração<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> Torre do Tombo, Inventário Orfanológico da Condessa de Ficalho, D. Isabel Josefa de Menezes Breyner, 1795, letra C, maço 14, caixa 694, Torre do Tombo, Inventário Orfanológico do Segundo-Tenente Belverde Cabral, 1802, letra B, maço 25.

<sup>11</sup> Para a realização deste estudo foram localizadas sete redomas:

– três no MNAA, de que interessa destacar o exemplar com o n.º de inventário 215, com foto publicada em *Artes Decorativas Portuguesas no Museu Nacional de Arte Antiga*, Sécs. XV/XVIII, p. 225, f. 162 e por CUSTÓDIO, Jorge, *A Real Fábrica de Vidros de Coima*, p. 192, f. 141;

– a do Museu da Graciosa; – duas em colecções particulares, apresentadas nas figs. 1 e 2;

– e outra no Rijksmuseum de Amsterdão publicada em , RITZEMA VAN ECK, Pieter, *Glass in the Rijksmuseum*, Waanders Publishers, Zwolle, 1995, vol II, p. 405, f. 519;

<sup>12</sup> Esta redoma encontra-se na adega, servindo de recipiente para sementes, destino que lhe foi dado pelos proprietários do armazém agrícola onde actualmente se encontra o Museu.



Fig. 1 – Redoma em vidro com decoração lapidada; alt: 12,8 cm; diâmetro 38,5 cm; peso 398 gr; colecção particular.



Fig. 2 – Redoma em vidro com decoração lapidada e gravada; alt: 13 cm; diâmetro 43 cm; peso 520 gr; colecção particular.

Em colecções de museus estrangeiros apenas foi localizado um exemplar com decoração gravada e lapidada no Rijksmuseum de Amsterdão, com medidas idênticas ao exemplar da fig. 1<sup>13</sup>. Tal como as restantes redomas este exemplar apresenta um pé de salva (ou cónico) pequeno e com paredes espessas.

### A decoração das redomas

A maior parte dos exemplares estudados apresenta decoração gravada ou lapidada, havendo apenas um exemplar sem qualquer tipo de decoração. Um dos exemplares destaca-se por apresentar decoração de hexágonos lapidados em toda a peça.

Ainda que a arte da decoração de peças de vidro por lapidação tenha surgido e se tenha desenvolvido na zona centro-europeia, a lapidação integral da peça em diamante ou em hexágonos é uma característica das peças em voga em Inglaterra nas últimas décadas do séc. XVIII. No Catálogo da RFVMG é possível ver no desenho da *garrafa de pezo adiamantada* que este tipo de decoração integral era uma das soluções decorativas executadas nas oficinas de lapidação e gravação da fábrica. Os desenhos das garrafas apresentam uma lapidação em diamante tal como a denominação sugere, facto que não invalida que nas oficinas de lapidação não se tenham lapidado peças com facetas hexagonais. Tal como é usual nas peças com decoração lapidada a marca de pontil foi retirada.

<sup>13</sup> As medidas são alt: 12.2 cm; diâmetro: 10.6 cm. Este exemplar foi doado em 1890 ao K.O.G. Amsterdam, por David H. de Castro Dzn.



Fig. 3 – Redoma em vidro com decoração lapidada e gravada, MNAA, n.º inventário 213; (imagem cedida pelo MNAA).

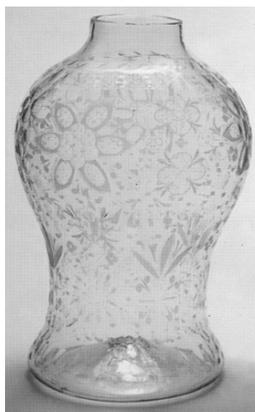


Fig. 4 – Pote para Farmácia, em vidro, com decoração lapidada, MNAA, (imagem cedida pelo MNAA).



Fig. 5 – Redoma em vidro com decoração lapidada Rijksmuseum Amsterdam, n.º inventário K.O.G. 1632; (imagem cedida pelo Rijksmuseum Amsterdam).



Fig. 6 – Redoma em vidro com decoração lapidada, MNAA, (imagem cedida pelo MNAA).

Outra redoma inédita, a da fig. 2, apresenta uma decoração com três flores estilizadas lapidadas separadas por 3 motivos decorativos idênticos compostos por círculos lapidados com detalhes gravados à roda. As flores dos motivos principais são idênticas, sendo compostas por duas ordens de seis círculos lapidados, sendo cada um dos círculos lapidados exteriores envolvido por lapidados em forma de pétala. Estas flores surgem também no boião de farmácia do MNAA ou numa caneca portuguesa do MNSR<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> A caneca portuguesa foi publicada em CUSTÓDIO, Jorge, A Real Fábrica de Vidros de Coima, p. 193, f. 143, e tem o n.º de inventário 273 – MNSR.

A resolução única destas flores, em especial as pétalas exteriores sugerem uma origem comum a estas três peças.

Nesta redoma há ainda a registar que o gargalo foi cortado e que tem marca de pontil no fundo com cerca de 20 mm de diâmetro<sup>15</sup>. Tal como o exemplar da fig.1 não apresenta rolha.

A redoma do MNAA com o nº 215 caracteriza-se por apresentar uma decoração gravada e lapidada de inspiração boémia com motivo central constituído por três molduras circulares formados por elipses lapidadas<sup>16</sup> com um veado gravado ao centro de cada um dos medalhões<sup>17</sup>. A separar cada um dos medalhões surgem motivos estilizados de cariz vegetalista gravados e lapidados. A delimitar estes motivos, tanto no topo como na base, há duas bandas formadas por círculos lapidados, bandas essas que também são visíveis no exemplar da fig. 2 e no exemplar do Rijksmuseum de Amsterdão.

O motivo do veado rampante é característico do Barroco, sendo comum a sua representação a partir de inícios do séc. XVIII, tanto gravado como pintado a esmaltes negros e ouro (schwarloft). Dada a origem centro-europeia do mestre gravador Venceslau Lauvermann é natural que estes motivos decorativos de cariz barroco constituíssem a base do seu reportório, o qual terá sido transmitido aos aprendizes das oficinas de gravação e de lapidação da RFVMG.

A redoma do Rijksmuseum apresenta também dois tipos de motivos decorativos repetidos quatro vezes. Um dos motivos é uma flor (trevo) composta por quatro círculos lapidados com um losango ao centro. A resolução desta flor surge também no, já referido, boião de farmácia do MNAA. O outro motivo lapidado é um *girassol* envolvido por quatro círculos lapidados dispostos em quadrado – este motivo é idêntico ao da moldura dos veados da redoma do MNAA. Estes quatro círculos são rematados a toda a volta com pequenos círculos de formato e tamanho irregular.

Do exposto conclui-se que os motivos decorativos lapidados e gravados se apresentam sempre do mesmo modo: dois motivos diferentes intercalados que se repetem por várias vezes, limitados por duas barras paralelas

<sup>15</sup> Esta peça seria originalmente uma redoma, provavelmente com gargalo roscado. O corte do gargalo apresenta um acabamento muito diferente do trabalho de lapidação, o que sugere que tenha sido feito posteriormente.

<sup>16</sup> Para uma peça com o mesmo tipo de moldura do motivo central ver o prato boémio datado de 1720-1730 apresentado em *Bohemia Cristal*, Fundacion Centro Nacional del Vidrio, Segovia, 1993, p. 55.

<sup>17</sup> Um copo com um um desenho de veado gravado e com moldura lapidada idêntica faz parte da colecção do Rijksmuseum de Amsterdão. Vd. RITZEMA VAN ECK, Pieter, *Glass in the Rijksmuseum*, Vol. II, Waanders Uitgevers, Zwolle, 1995, p. 388, foto 477.

formada por elipses lapidadas. Como já referido, as diferentes esquematizações das flores lapidadas que constituem o tema principal da redoma da fig. 2 e da redoma do Rijksmuseum surgem em simultâneo no boião de farmácia do MNAA. Outra característica comum da decoração destas redomas é o preenchimento total da peça.

Para além da decoração há ainda a salientar outras características comuns às redomas estudadas. São todas em vidro transparente incolor com uma tonalidade cinza de cor variável: o exemplar da fig. 2 apresenta uma tonalidade cinza escuro enquanto que o da fig. 1 tem uma tonalidade cinza muito mais clara. É de salientar que estas redomas apresentam uma espessura da pasta considerável em toda a peça, cerca de 4 mm no gargalo, o que lhes confere uma maior resistência<sup>18</sup>.

O pequeno pé de salva, mais parecendo um pé de bolacha é uma característica que se repete nas redomas já analisadas. Um dos exemplares do MNAA apresenta um pé de salva com uma altura considerável que se distingue dos restantes exemplares. A sua decoração lapidada, genericamente designada como boémia, apresenta características diferentes dos exemplares até agora analisados. A rolha de rosca tem uma marisa de vidro moldado em forma de argola que serve de pega à mesma. Este tipo de acabamento é mais comum em peças do séc. XIX. No Catálogo da Vista Alegre de 1829 verifica-se que os pés de salva representados apresentam uma altura considerável, sendo semelhantes ao desta redoma. Pelas características descritas é provável que esta redoma seja de um período posterior ao grupo em análise. Face ao exposto, a análise do outro exemplar com tampa de rosca com pega será feita oportunamente.

Os pés de salva caracterizam-se por terem altura reduzida, paredes espessas e diâmetro irregular. O pescoço é sempre com paredes espessas, curto e roscado.

A semelhança dos diversos detalhes na manufactura da peça, bem como o reportório comum nos motivos gravados permite que se coloque a hipótese de que estas peças, para além de serem oriundas dos fornos da RFVVG, como proposto por Carlos Barros<sup>19</sup>, seriam um modelo exclusivo da mesma. Só futuras investigações poderão confirmar esta hipótese.

<sup>18</sup> Outras características físicas da pasta, como a suavidade ao toque sugerem que tenha sido usado minium na sua composição. Só análises químicas poderão confirmar esta afirmação.

<sup>19</sup> Vd. *Artes Decorativas Portuguesas no Museu Nacional de Arte Antiga*, Sécs. XV/XVIII, p. 225, f. 162.